

“De volta ao Bonfim do Mato Dentro” - guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais

Sara Helena Quintino¹, Aislán Diego de Assis²

¹Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

²Docente no Mestrado profissional em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental e na Escola de Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: sara.quintino@aluno.ufop.edu.br

Submetido em: 02 nov. 2025. Aceito em: 11 fev. 2026

Resumo

O presente relato de experiência apresenta o processo de elaboração do “Guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira: de volta ao Bonfim do Mato Dentro” no âmbito das ações extensionistas em comunidades atingidas por mineração e barragens. A comunidade de Antônio Pereira, em Ouro Preto - MG, é um exemplo paradigmático para se compreender os efeitos devastadores dessas práticas no meio ambiente, na cultura e na saúde física e mental dos moradores. O guia reúne dados históricos, socioculturais e ambientais da comunidade colhidos em trabalhos de campo por meio de metodologias participativas - rodas de diálogo, oficinas, mapeamento afetivo - articulando extensão universitária, pesquisa e práticas comunitárias, e produção colaborativa de conteúdos com a comunidade. Além de destacar bens e saberes patrimoniais do distrito, ele performa ainda como material didático e instrumento de mobilização sociocultural voltado à formação de agentes comunitários, educadores e profissionais da saúde, já que integra saberes aos vínculos comunitários naturais do território. Espera-se que sua circulação amplie o debate sobre saúde mental, racismo ambiental, práticas restaurativas e estratégias de acolhimento em contextos de vulnerabilidade, conduzindo assim práticas de cuidado no âmbito das ações ambientais e socioculturais de valorização cultural e patrimonial da comunidade.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico, Territorialidades Rurais, Comunidade Atingida, Ouro Preto, Comunidade de Pertencimento.

Abstract

Back to Bonfim do Mato Dentro - affective, environmental, and historical guide of Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais

This experience report presents the development process of the “Historical, Environmental, and Affective Guide of Antônio Pereira: Back to Bonfim do Mato Dentro” within the scope of university outreach initiatives in communities affected by mining and dam activities. The community of Antônio Pereira, located in Ouro Preto - MG, serves as a paradigmatic case for understanding the devastating effects of such practices on the environment, culture, and the physical and mental health of residents. The guide gathers historical,

sociocultural, and environmental data collected during fieldwork through participatory methodologies—including dialogue circles, workshops, and affective mapping—articulating university outreach, research, community practices, and collaborative content production. Beyond highlighting the district's heritage assets and traditional knowledge, the guide functions as didactic material and a tool for sociocultural mobilization aimed at training community agents, educators, and health professionals, as it integrates knowledge with the territory's natural community bonds. Its circulation fosters the debate on mental health, environmental racism, restorative practices and support strategies in vulnerable contexts thus guiding care practices within the reach of environmental and sociocultural actions that value the culture and heritage of the community.

Keywords: Historical Heritage, Rural Territoriality, Affected Community, Ouro Preto, Community of Belonging.

Introdução

Os quadros que contornam a opulência barroca da Região dos Inconfidentes em seu passado de glórias escondem diversos cenários construídos em confluências com rios e riachos que circundam as Minas Gerais. Isso porque o apogeu da exploração mineral coincidiu também com as mazelas decorrentes da miséria e da falta de alimentos para todos que habitavam as vilas barrocas. Assim, muitos núcleos de povoadamentos das minas setecentistas, em muitos casos de africanos, africanas e indígenas que se embrenharam nos matos, materializam-se na expressividade de áreas rurais: os distritos, cada qual com seu ponto de referência biocultural.

Observados pelas lentes patrimoniais, os distritos de Ouro Preto que conhecemos com nossos olhos e pés ou mesmo em cartões postais resguardam, em suas historicidades, elementos socioculturais elucidativos dos dispositivos colonizantes nos delineamentos de práticas culturais, tradições, saberes e costumes originários, postos constantemente em tensões econômicas. A singularidade do território rural constitutivo da Região dos Inconfidentes evidencia-se, portanto, nos entremeios dos jogos de poderes em seus momentos de gênese. A exploração dos “matos”, densos e valiosos, pode ser percebida tanto como uma resposta às

condições miseráveis interpostas pela escravidão barroca, portanto gestos de resistências, quanto também enquanto movimento que possibilitou a tomada do controle dos “paraísos” encontrados onde a vida estava a jorrar fartura e riqueza nos ambientes naturais.

Tal controle régio legitimava-se no número expressivo de concessões de terras ordenadas nas cartas de sesmarias, que orientavam sobre as normas dirigidas à utilização dos novos “espaços” conquistados para a produção de alimentos bem como para promoção da fé católica cristã em seus projetos de conformação social. Instaura-se assim o poder do colonizador sobre os contornos dos povoadamentos, que passam a ser nomeados comumente como arraial. A ocupação das terras sob determinação da prática agrícola assentida nas sesmarias, valendo-se de braços dos escravizados, permite-nos destacar “que a extração de ouro e das pedras preciosas foi o principal fator de povoamento em Minas Gerais, mas longe de ser a atividade exclusiva, a agricultura foi tão importante como o ouro.” (Ribeiro, 2023, p.51).

Neste cenário primevo dos povoadamentos nesta região inconfidente, torna-se crucial a investigação sobre a trajetória histórica das áreas rurais/distritais em seus estatutos de territórios forjados nas resistências. No ínterim de suas

narrativas, os distritos de Ouro Preto¹ expressam, cada qual com sua referência biocultural, uma típica ruralidade enraizada em suas pequenas comunidades que comungam a centralidade das paisagens naturais como patrimônios relevantes em suas memórias, ressignificando bens materiais e imateriais herdados do passado barroco colonial.

Esta mesma ruralidade enquanto construção social contextualizada se constituiu, historicamente, associada à uma concepção de mundo rural como sinônimo de agrário (Ferreira; Silva, 2022).

Contudo, as intensas transformações socioeconômicas decorrentes do avanço de indústrias e de mega projetos minerários na década de 1980, além dos subsequentes investimentos que emergem das políticas de valorização do “patrimônio cultural”, passam a nutrir outros mercados.

Houve uma notória revalorização de atividades não agrícolas no espaço rural, incluindo a atividade turística. Também, dentre outras, as atividades relacionadas à aproximação da natureza fazem parte deste processo (Ferreira; Silva, 2022).

Forçosamente, o patrimônio natural vai sendo incorporado a passos lentos aos louros patrimoniais². Inclusive, destaca-se que somente em 2000, pós criação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural de

Ouro Preto - COMPATRI, é que se percebe ações concretas no âmbito implantação de uma política patrimonial de âmbito local com vistas a ampliar a valorização e a preservação dos bens de natureza material, incluindo, nesse processo, parte importante do patrimônio edificado situado nos distritos (Ferreira; Silva, 2022), embora seguindo os padrões exclusivos da “genuína” arquitetura barroca colonial, a moldura mais apreciada.

Seja pelas “dragas” do mercado do turismo, das especulações imobiliárias, das explorações minerárias, os distritos convivem com os constantes processos de desterrós (Assis; Quintino, 2025). Os corpos da terra, os corpos-têrreos do território são novamente estirados nos jogos de poderes, seja em qual mercado for. Sobretudo, diante do crescente avanço de atividades minerárias predatórias que reviram novamente as territorialidades rurais, afetando profundamente a saúde orgânica de seres humanos e ambientes naturais, suas águas, seus solos, seu ar.

Na atualidade, ainda se vivencia os pungentes impactos dos crimes ambientais e das desigualdades socioeconômicas inerentes às atividades minerárias predatórias atuantes há séculos nesta região. É justamente na intersecção entre os rompimentos da barragem do Fundão, em Mariana, em 2015, e a de Brumadinho, em 2019, que se evidencia a barragem do Doutor, em suas frágeis condições estruturais³. No entremeio dos

¹ O município de Ouro Preto é composto por mais pelos seguintes distritos: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto e São Bartolomeu.

² Em Ouro Preto, o espaço rural dos distritos encontram-se conectados com a natureza, destacando-se a presença do Parque Estadual do Itacolomi, localizado em Lavras Novas, Santo Antônio do Salto e na sede; Área de Proteção Ambiental - APA Cachoeira das Andorinhas, em São Bartolomeu e na sede; Floresta Estadual Uaimii, em São Bartolomeu; Monumento Natural Municipal Gruta Nossa Senhora da Lapa, em

Antônio Pereira; Parque Estadual de Ouro Branco, em Miguel Burnier; e Monumento Natural Itatiaia, em Rodrigo Silva, Santa Rita de Ouro Preto e Lavras Novas (Ferreira; Silva, 2022).

³ A Barragem do Doutor, da mineradora Vale, foi construída para suprir demandas de armazenamento de rejeitos da Mina Timbopeba – no Complexo Mariana, sendo sua capacidade de armazenamento de cerca de 35 milhões de m³ de rejeitos. Após a decisão judicial de 14 de março de 2019, a barragem do Doutor teve as operações suspensas, em função da a nova classificação do método constitutivo da barragem, em agosto de 2019, em acordo com a Resolução nº13/2019

danos estilhaçantes entre as três barragens está Antônio Pereira, comunidade tricentenária outrora conhecida como Bonfim do Mato Dentro, cuja trajetória histórica é bem destacada pelo estimado e oficial narrador das Minas Gerais, Diogo de Vasconcelos:

Os anos de 1700_1701 foram no entanto calamitosos. O mesmo horror que havia experimentado o arraial do Carmo nos de 97_98, o flagelo da fome produziu na Serra de Ouro Preto debandada de moradores, igualmente cegos pelo ouro, esquecidos dos comestíveis. Alguns retiram se para São Paulo, (...). Outros, que foram em muito grande número, dispersaram-se pelos matos e campinas distantes e não devastadas ainda de consumidores. Prosseguindo se pela serra ao norte o Alcaide Mor e seus sobrinhos Tomás, João e Fernando Lopes de Camargo foram-se estabelecer no córrego e sítio de arraial, que deles adquiriu o nome plural dos Camargos, a 4 léguas distante de Ouro Preto; e bem na mesma direção em menos distância, Antônio Pereira Machado, natural do Reino, abaixo da Serra, que traz seu nome, dando princípio ao arraial do Bonfim Do Mato Dentro, mais tarde conhecido por arraial de Antônio Pereira, cujos focos de ouro são os de mais subido quilate em todas as Minas (Vasconcelos, 1999, p.148).

Neste pequeno fragmento da narrativa oficial da História das Gerais, deflagra-se tanto a centralidade do distrito nas rotas reais da mineração quanto o ruidoso processo de transferências de memórias. Porém, a autoridade régia selara o destino da vila com a carta de

sesmaria concedida por Brás Baltasar da Silveira à Antônio Pereira Machado, datada de 26 de maio de 1717, que demarca então as terras (Corrado *et al.*, 2024). “Bonfim do Mato Dentro” insere-se num quadro de designação comum nos processos de formação de vilas pelas terras mineiras cujo referente “mato”, herança linguística da ruralidade, acabou sendo deslocado dos nomes próprios de muitos municípios, que passam então a firmar expressivamente na memória social certas personalidades vinculadas às redes de poder político e econômico.

O apagamento do nome originário do arraial aponta para uma forte pressão política em se contornar a comunidade de Antônio Pereira no interior dos dispositivos do discurso colonizante; ao mesmo tempo, sugere também que a rede de disputas instaurada entre seus membros e o poder local é sintoma das práticas de extrema violência que assolam a comunidade ao longo destes trezentos anos, nos discursos que acompanham o território. Marie-Anne Paveau e Norma Seltzer Goldstein (2007), estudiosas das relações entre memória e cognição social, destacam a relevância desta espécie de dados ambientais que se articulam ao conjunto de fenômenos de desligamentos das lembranças e inserções dos nomes no fio memorial do discurso. Compreendemos com elas que os nomes de memória constituam dispositivos discursivos cognitivos que organizam, nesse exemplo, a passagem de uma ordem de conhecimento e de realidade para uma outra (Paveau; Goldstein, 2007, p. 330). Sendo assim, a topônimo “Antônio Pereira” sinaliza a tomada simbólica e material

da ANM e em consonância com a Política Estadual de Segurança de Barragem de Minas Gerais as quais obrigavam a descaracterização de barragens construídas à montante (Beserra, 2022). O descomissionamento da barragem determinou novas fronteiras no território de Antônio Pereira além da

remoção de famílias inteiras de suas residências ao demarcar as zonas de autosalvamento (ZAS), instaurando o “terror das barragens”, uma complexa rede de danos corrosivos à saúde coletiva, em especial a saúde mental dos moradores (Corrado *et al.*, 2024).

daquele que seria um paraíso diante das mazelas da colonização empreendida nestas vilas reais.

Este capítulo da história de Bonfim do Mato Dentro, “paraíso perdido”, é um marco importante para se situar os apagamentos materiais e simbólicos que perpassam a comunidade de Antônio Pereira. As ruínas das arquiteturas barrocas no distrito testemunham os confrontos discursivos na formação da comunidade, que produziram no fio da sua história práticas de fragmentação e discriminação social, política e econômica. Ressalta-se ainda o frágil processo de patrimonialização do distrito no interior das políticas públicas de memória e cultura: não há nenhum tombamento patrimonial no distrito, processo que se difere dos outros distritos históricos de Ouro Preto. Antônio Pereira não está marcado na rota da Estrada Real, tampouco figura no rol dos cenários barrocos dignos de apreciação. Tais dados evidenciam o contexto de isolamento, apagamento e exploração contínua desta comunidade no mapa da Região dos Inconfidentes.

“De volta a Bonfim do Mato Dentro” - guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, cuja capa e contracapa estão destacadas na Figura 2 - situa-se a partir desta trilha na história, reunindo elementos históricos e narrativas orais da comunidade, colhidos durante as interações promovidas pelas atividades extensionistas do programa “De mãos dadas com Antônio Pereira”⁴. A intenção central do mesmo é representar o “paraíso perdido”, o vale que abrigou e cuidou da saúde de centenas de corpos, mentes e corações, como roteiro de deguste histórico pela Região dos Inconfidentes. Enquanto tecnologia social, ele prefigura como material didático e/ou instrumento de mobilização sociocultural, voltado à formação

de agentes comunitários, educadores e profissionais da saúde, pois integra saberes populares aos vínculos comunitários naturais ao território; reconectando a ele memórias da diáspora africana e indígena testemunhadas no cenário vivo da comunidade em sua amálgama com o ambiente natural, principalmente ao consolidar o reconhecimento do garimpo tradicional como patrimônio cultural, promovendo a visibilidade de práticas comunitárias de saúde e cuidado que fundam a ancestralidade do território.

Neste sentido, este relato de experiência narra o processo de escuta sensível colhida ao longo de cada atividade do programa de extensão “De mãos dadas com Antônio Pereira”. Trata-se do resultado de um conjunto de ações de valorização cultural e patrimonial do distrito, (re)posicionando-o no quadro de “Patrimônio da Humanidade”, expandindo assim o deslumbre para os vales escondidos nas serras mineiras, o que se materializa na presença do mapa topográfico e urbano do distrito, com as demarcações dos lugares de memória da comunidade, inclusive demarcando sua referência no mapa da Estrada Real, como mostra a Figura 3. O referente verbal “de volta ao Bonfim do Mato Dentro” não implica simplesmente uma atitude de revisão histórica que aponta para os apagamentos, mas antes de tudo um ato de resistência na luta pela história vital da comunidade.

Material e Métodos

A experiência aqui relatada integrou o programa de extensão “De mãos dadas com Antônio Pereira” - UFOP/IFMG/UFV- que ousou em territorializar o conjunto de ações, formações e pesquisas na comunidade no período de 2019 a

⁴ Para maiores detalhamentos de ações e metodologias das atividades do referido programa de extensão, é possível acessar a edição especial da *Alemur*, que

reúne todos os trabalhos empreendidos com a comunidade de Antônio Pereira, disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/issue/view/444>.

2024, promovendo acolhimento e engajamento entre moradores, associações, Universidade e empresas privadas a fim de se concretizar os objetivos do desenvolvimento sustentável no distrito. O guia aqui apresentado é fruto do processo de escuta e ausculta de dados sensíveis das memórias individuais e coletivas, das narrativas oficiais e populares, de saúde coletiva, de índices de qualidade de vida, das subjetividades empoeiradas pela mineração. Destaca-se os resultados articulados na avaliação dos dados quantitativos no estudo da situação e demandas na saúde coletiva no território, que destacou a forte conexão entre saúde, bem-estar e cenários ambientais como índices de “bens patrimoniais” que promovem o bem estar coletivo, tal como aponta Carvalho, Quintino e Assis (2025).

O eixo metodológico que ancorou todas as ações do programa de extensão e pesquisa foram as rodas de diálogo, em seus múltiplos sentidos e poderes (Assis, 2023). Rodas de diálogos, rodas de pesquisa, rodas de formação com educadores, rodas de oficinas, rodas de capoeira, rodas de Acalento, tal como está representado na Figura 1, alguns registros de rodas de diálogo no território ocorridas nas casas de moradores, associações e posto de saúde. Todas elas acionaram um cenário íntimo de entrega das percepções sobre as vulnerabilidades que atravessam os corpos de quem sentam em roda bem como os modos de enfrentamentos comunitários, compartilhando histórias, tecendo e fortalecendo vínculos de pertencimento.

O conteúdo do guia emergiu das confluências das narrativas em saúde compartilhadas nas rodas. Isso porque “a construção da roda simboliza o encontro entre sujeitos, histórias e posições sociais, que ensejados pelo compartilhamento de suas identidades, produzem conhecimento contextualizado, que leva em conta a origem e a

historicidade, os consensos e os conflitos que marcam suas relações sociais” (Assis, 2023). De cada encontro, fios de uma narrativa se prendia a outros, revelando os contornos do que era evocado como a existência de um “paraíso atingido” vibrante como lugar de saúde e abundância de vida, agora ameaçado, posto no centro das tensões e terrores inerentes às barragens. As memórias compartilhadas indicaram os pontos de referências para os lugares de memória da comunidade contemplados no guia.

O encontro com um território estirado por jogos de forças políticas e econômicas conduziu também a determinação de ferramentas analíticas para se compreender a complexidade dos impactos causados pelas barragens e mineração, com especial atenção à comunidade de Antônio Pereira. Desta demanda, foram articulados os conceitos de desterro e restauro como meio de caracterizar o conjunto de dados socioambientais e articular as atividades construídas no território (Assis; Quintino, 2025).

Por desterramentos, sendo eles concretos e simbólicos, entende-se a desterritorialização e a multiterritorialidade referentes à complexidade dos danos causados pela mineração à saúde das comunidades e territórios. “Enquanto a primeira revela a ruptura drástica com o território, a segunda aponta para os modos fragmentados e tensos de reterritorialização que as comunidades vivenciam, num cenário de luta constante pela sobrevivência física, cultural e emocional (Assis; Quintino, 2025). Assim, todo o cenário psicossocial assistido no território na vivência do trauma coletivo envolvido pelo “lamancear” em Bento Rodrigues dado pelo rompimento da barragem do Fundão/Mariana, foi ainda mais tensionado com os processos de descomissionamento da barragem vizinha, a temida Barragem do Doutor.

Em relação dialética com os desterramentos, que representam a destruição e o deslocamento, o conceito de restauro aponta para processos de cura e reconstrução. Este “é visto como uma cura abrangente, que vai além do reparo físico, alcançando o plano existencial, social e cultural, ressignificando as experiências e os saberes do ser humano dentro de sua comunidade e história” (Assis; Quintino, 2025). Em comunidades históricas, nas quais os saberes e práticas ancestrais são negados, a exemplo do cercamento do território que impede a interação com o meio ambiente e a “criminalização” do garimpo tradicional, o restauro perpassaria os corpos sutis também como uma ferramenta de resistência simbólica frente às invisibilidades impostas. “Assim, o desterro e o restauro se revelam faces complementares de um mesmo território, o paraíso atingido, onde há luta pela sobrevivência e pela dignidade de um território sustentável.” (Assis; Quintino, 2025).

Na dialética entre desterro e restauro, o guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira: “de volta ao Bonfim do Mato Dentro” materializa um produto de restauro, uma resposta criativa e política que tem como visada a coesão social e a sustentabilidade territorial e cultural do distrito. Como produto articulado ao conjunto de projetos do programa “De mãos dadas com Antônio Pereira”, foi elaborado por meio de metodologias participativas articulando extensão universitária, pesquisa e práticas comunitárias, incluindo rodas de diálogo, oficinas locais, mapeamento afetivo e histórico e produção colaborativa de conteúdos com a comunidade. Enquanto uma tecnologia social, ele representa uma síntese de elementos que recriam “Bonfim do Mato Dentro” em sua matriz de resistência histórica, ambiental e afetiva.

Resultados e Discussão

Os conteúdos sensíveis presentes no guia foram colhidos a cada encontro com a comunidade ao longo do desenvolvimento das 15 ações integradas ao programa de extensão e dos eventos comunitários previstos, de 2019 a 2024. Terapias de grupo no Acalento, oficinas de panificação para quitandeiras, educação libertadora para garimpeiros e garimpeiras, oficinas de robótica, teatro e circo para crianças, rodas de pesquisa, formação em saúde mental para educadores e agentes de saúde, caminhadas bioculturais pela Estrada da Purificação, almoços solidários, mapeamentos históricos e ecológicos, entre inúmeras outras atividades configuraram expressivos “giros ecoterritoriais” na comunidade de Antônio Pereira (Assis *et al.*, 2024).



Figura 1. Rodas de diálogo, curso de extensão e rodas de pesquisa com a comunidade do distrito histórico de Antônio Pereira, Ouro Preto – MG.

Fonte: acervo do programa de extensão e pesquisa.

Como debate Maristella Svampa (2019), territórios atravessados por mega projetos de extração natural convocam especial criatividade para novas linguagens de engajamentos sociais

capazes de projetar dinâmicas narrativas desejosas da costura do tecido cultural dos territórios em defesa de modos harmônicos do bem viver em espaços de disputas. Os giros ecoterritoriais dialogam diretamente com os desterramentos vivenciados no distrito. Isso porque o cenário de atingimento desvelou “a fragilidade de áreas urbanas diante da realidade do risco de inundação em caso de rompimento, da implantação de placas, sirenes e treinamento de fuga, das remoções de moradoras e moradores das áreas de salvaguarda, juntamente com a complexidade das obras de descomissionamento da barragem de Doutor que afeta a área urbana e áreas de uso coletivo da comunidade (Corrado, 2024).

Tal contexto de vulnerabilidades, apreendido também no estudo aprofundado sobre as condições de saúde coletiva no território, aponta ainda para o intenso sofrimento mental dos moradores somados às percepções de insegurança no território. Somado a isso, “as preocupações relacionadas à poluição e à falta de áreas de lazer também emergem como problemas críticos e determinantes para a saúde da população, impactando diretamente a qualidade de vida e o bem-estar dos moradores, que narram com expressividade a forte conexão entre saúde e ambientes naturais (Carvalho; Quintino; Assis, 2025). Eis os contornos do paraíso atingido, pulsante na memória coletiva.

Assim, observando os contextos de vulnerabilidades, as atividades extensionistas performaram como possibilidades de cura e restauro. A cada giro ecoterritorial, as trilhas para Bonfim do Mato Dentro se abriam nas subjetividades compartilhadas: o quadro do paraíso perdido foi composto por uma série de elementos da memória coletiva do distrito, dispostos nas representações narrativas dos

moradores. Analisados os dados sensíveis que molduram a saúde coletiva no território, eles foram então organizados e categorizados em três eixos: histórico, ambiental e afetivo.

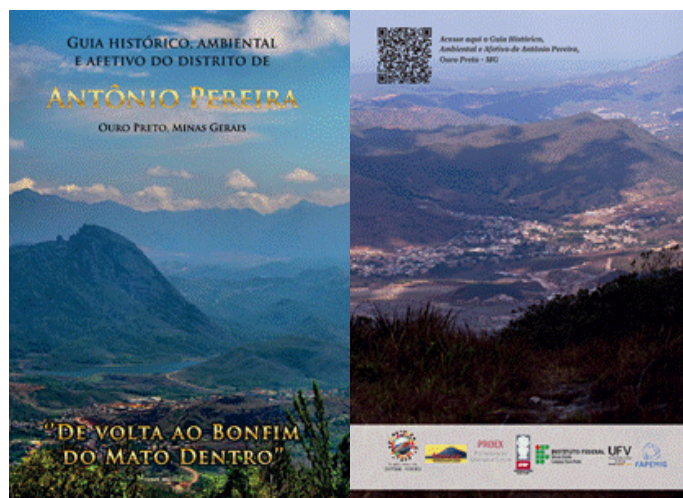


Figura 2. Capa e contra - capa do guia.

Fonte: Guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, 2025.

O caráter histórico do guia decorre da forte centralidade do distrito de Antônio Pereira nas rotas da mineração por mais de trezentos anos, ainda que se perceba nitidamente o distanciamento com a sede municipal, Ouro Preto. Os mapeamentos históricos, documentais e arquivísticos empreendidos na primeira fase das pesquisas do programa nos revelaram uma história de resistência do distrito que está apagada, invisibilizada na memória coletiva do distrito e da região como um todo. “Entendemos que no contexto de minério-dependência neste território, o apagamento das histórias, das memórias e das identidades é um elemento deste sistema que fragiliza as relações histórico-sociais do território” (Corrado *et al.*, 2024). Assim, o restauro histórico buscou recuperar as trilhas até Bonfim do Mato dentro, evocando a memória de resistência e força física e espiritual, imanente aos corpos das diásporas africanas e indígenas.

No guia, ao se recompor as trilhas para Bonfim do Mato Dentro abre-se a possibilidade para outro capítulo no livro de patrimônios do passado colonial. Revigora-se a leitura e a vivência no presente do cotidiano de um distrito histórico potente em narrativas que testemunham o ciclo do ouro nas Minas Gerais. Insere-se assim um outro roteiro ancestral, não matizado pelo preceito turístico natural a modelos econômicos gestados em outros distritos, mas sobretudo materializado pelos índices de valorização

patrimonial dos próprios representantes do território. Destaca-se então um conjunto de bens que constituem um patrimônio natural invisibilizado nas políticas públicas e nas rotas reais, marginalizado pela civilidade barroca, embora ainda cobijados e cercados pela hegemonia econômica das empresas mineradoras, tais como a Igreja Queimada, a Gruta da Lapa, o Pico do Frazão, bem como os contornos dos ambientes naturais em sua flora autêntica.



Figura 3. Mapa topográfico e urbano do distrito histórico de Antônio Pereira, Ouro Preto – MG.

Fonte: Guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, 2025.

A dimensão ambiental reitera a forte conexão percebida nas narrativas dos moradores entre saúde física e espiritual, bem viver e espaços da natureza, em especial as águas dos rios e cachoeiras. Trata-se de uma experiência socioambiental que explora os saberes antigos de contemplação da Natureza, bem como sua interação com ela, nas simbioses da vida rural: catar lenha, buscar folhas de chá para as

enfermidades, pescar, nadar, entre outras práticas integrativas de saúde coletiva. Eis a conexão entre o mundo natural e a liberdade experimentada nos fluxos orgânicos do território.

Esta conexão entre um mundo natural intocado, o paraíso perdido, e o desejo humano pela liberdade ressoa como traço característico da diáspora africana herdada de Bonfim do Mato Dentro. O expressivo índice de valorização dos

ambientes naturais, elevados a templos sagrados da espiritualidade como testemunha a tricentenária romaria à Gruta da Lapa em Antônio Pereira, pode ser compreendido em confluência com a experiência de bell hooks: A natureza é o lugar da vitória. “No ambiente natural, tudo tinha seu lugar, inclusive os humanos. tudo era moldado pela realidade e pelo mistério. Ali, a cultura dominante não poderia exercer o poder absoluto. Porque naquele mundo a natureza era a mais poderosa. Nada nem ninguém poderia controlá-la por completo” (hooks, 2002, 31).

Outro exemplo mais concreto dessa percepção histórica é o garimpo tradicional, sutilmente representado na Figura 4, que ressurge como um saber ancestral gerador de restauros coletivos, dado sua potência em conectar os corpos-territórios com a terra e com as águas e em subsidiar a sobrevivência de muitas famílias na comunidade. Somado ao seu vigor cultural, a vivência do garimpo é capaz também de fortalecer vínculos e parcerias que inclusive conduziram ao processo jurisdicional de reconhecimento do garimpo tradicional na região como de relevante destaque patrimonial do Estado⁵. O contorno desse entrelace entre seres humanos e ambientes naturais é apresentado no guia nas referências de lugares marcantes para os moradores, destacando as relíquias biológicas e espirituais do ecossistema da região, tais como a Gruta da Lapa e as cachoeiras.

O caráter afetivo decorre da forte presença dos vínculos comunitários, ainda que o território seja sempre conduzido às fragmentações sociais, motivadas em grande parte pelas disputas de poder, inclusive entre os próprios moradores. Nos encontros do Acalento, terapia grupal que ocorria semanalmente no posto de saúde, acolhia-se a

pulsão das mais variadas situações de medos, angústias e depressões; contudo, o sentimento de felicidade vibrava forte nas narrativas do cotidiano da comunidade, de modo que “a essência predominante de suas atividades está focada nas narrativas de superação e resiliência, compartilhando o sentimento de felicidade e empoderamento do grupo (Ramos *et al.*, 2024). Dos sólidos encontros do Acalento, brotou a saudosa nutrição das águas cristalinas, elas que guiaram certamente às sensações de pertencimento cultural compartilhadas. A Figura 5 a seguir, um recorte do guia, evidencia a homenagem feita aos sujeitos de histórias que lideraram e lideram comunidades de afetos no território, ancorando as demandas reais experimentadas no contexto de desterro, são “mãos” da costura social, do restauro que cura e fortifica.



Figura 4. Imagens do garimpo tradicional em Antônio Pereira, Ouro Preto – MG.

Fonte: Guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, 2025.

O consenso diante da força da coletividade como estratégia de sobrevivência acaba também por representar uma cultura do lugar, de ser, de

⁵ Lei nº 24.765, de 28/05/2024 - Reconhece como de relevante interesse cultural do Estado a Comunidade

Tradicional de Garimpeiros de Antônio Pereira, distrito do Município de Ouro Preto.

existir e re-existir e de resistir. As experiências de dores e adoecimentos decorrentes dos enfrentamentos diários para se assegurar as possibilidades de viver também instauram uma busca de pertencimento e cura que dependem da formação e da manutenção de comunidades de cuidado e de amor, como ensina bell hooks (2022), ao associar a sensação de pertencimento aos modos de se viver de forma plena e satisfatória. No guia, esta faceta amorosa é representada tanto pela expressividade de associações e coletivos que otimizam a gestão territorial frente às

parcerias feitas com outros setores quanto pela biografia de representantes da comunidade que acionaram dispositivos importantes para o amálgama sociocultural. Como exemplo, Jair Afonso Inácio, expoente restaurador que movimentou o soerguimento da prática do restauro na Fundação de Arte de Ouro Preto, Faop; bem como Andira Ramos, ativista pela saúde na comunidade que ancora o nome da unidade básica de saúde.



Figura 5. Quadros de memorial social que formam a comunidade de afetos do distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto - MG.

Fonte: Guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira, 2025.

Nesta cadência de acolhida e encadeamento dos dados sensíveis auscultados, o guia apresenta-se como histórico, ambiental e afetivo. Tais contornos descritivos refletem a própria

trajetória da comunidade de Antônio Pereira: resistente há mais de três séculos de exploração de solos e corpos, orgânico por entrelaçar seres humanos em simbioses de criações estéticas com

o ambiente natural, e afetivo, dado o forte potencial dos vínculos sociais a favor da defesa da vida. A articulação entre as esferas histórica, ambiental e afetiva permite a criação de uma paisagem rica em experiências e saberes para Antônio Pereira e seus membros, diferente da imagem estigmatizada e marginalizada que se construiu ao longo dos tempos, especialmente se situarmos o distrito nos projetos patrimoniais da Região dos Inconfidentes.

Diante dos diversos apagamentos e saberes negados, concretos e simbólicos, como os observados nos desterramentos pelo território, o guia elaborado ousou também recolocar Antônio Pereira na rota da Estrada Real, tão valorizada pelas narrativas oficiais. Na página central do guia está “desenhado” o mapa do distrito com os espaços de vivência social demarcados e georreferenciados. Esta estratégia geográfica atende a demanda de circulação pelo território, já que muitas ruas e espaços socioinstitucionais não são facilmente referenciadas em catálogos ou aplicativos de localização, dado à incipiente gestão estrutural do poder público e também aos desígnios dos mecanismos de desterramentos.

Enquanto resposta criativa aos desterramentos observados e sentidos, o guia fortalece redes de apoio, consolida o reconhecimento do garimpo tradicional como patrimônio cultural e promove a visibilidade de práticas comunitárias de saúde e cuidado que fundam a ancestralidade do território. Sua circulação amplia o debate sobre saúde mental, racismo ambiental, práticas integrativas e estratégias de acolhimento em contextos de vulnerabilidade, conduzindo assim práticas de cuidado no âmbito das ações ambientais e socioculturais de valorização dos saberes afrodiaspóricos⁶.

Considerações Finais

Faz-se instigante analisar a etimologia do termo “guia”: “guia” provém do verbo “guiar”, que tem origem no latim “guidare”; em outra vertente linguística, é derivado do gótico “widan”, que significa “juntar-se”, e do latim medieval “guidāre”, que se refere a servir de guia ou orientação. Historicamente, “guia” era usado para descrever alguém que ajudava a guiar uma embarcação, embora atualmente o contexto semântico do turismo também apregoa o termo a um universo mercadológico. “De volta a Bonfim do Mato Dentro” - guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira reúne aspectos de composição que de fato representa a ação do “juntar-se” para então conduzir o leitor a um espaço real e diverso das imagens reducionistas e estigmatizantes que assombram a comunidade. Ele também conduz uma “embarcação” de leitores pelos fios perdidos no tempo a fim de encontrar o paraíso perdido que ancorou a vida de muitos ancestrais do território, como também de muitos que estavam de passagem por Bonfim. Contudo, ele também situa o presente do território, em suas narrativas de resistências.

A dialética tecida entre desterramentos e restauros convoca constantemente uma estrutura coletiva fundada na cultura de pertencimento (bell hooks, 2022), ao analisar sua própria trajetória de vida, presenteia-nos com a convicta percepção de que “o afastamento da natureza e a separação entre corpo e mente facilitaram a internalização, pelos os negros, das premissas da supremacia branca a respeito da identidade negra”. Por esta lente, podemos compreender os francos interesses em se apagar as práticas de plantações de alimentos e do garimpo tradicional da memória coletiva da comunidade de Antônio Pereira, posto que o

⁶ O guia histórico, ambiental e afetivo de Antônio Pereira pode ser acessado gratuitamente pelo link

https://drive.google.com/file/d/1daoYdWgT1TKrs3K6UX9i4RcxyV6PsZ-b/view?usp=drive_link

objetivo político é configurar e conformar um distrito patrimonial em sua placa “industrial”.

Do outro lado, a perspectiva do restauro anseia a cura e a regeneração dos tecidos sociais do território. Assim, o guia também pode ser representado como uma tecnologia social inovadora, especialmente em territórios afetados por desastres ambientais e desigualdades históricas. Isso porque valoriza os saberes locais, amplia o cuidado em saúde dado que ancora a territorialização, além de contribuir para práticas socioculturais mais sensíveis, justas e participativas capazes de restaurar o axé do território. Ao lado do livro das quitadeiras de Antônio Pereira, que conjuga a arte e o poder da nutrição, este guia histórico, ambiental e afetivo são exemplos de narrativas possíveis para o fortalecimento de um território que deseja se perceber saudável e sustentável.

Agradecimentos

Agradecemos a todas as “guianças”, físicas e metafísicas, que nos conduziram pelo paraíso ancestral herdado de Bonfim do Mato Dentro. Agradecimentos aos vínculos de afeto construídos com associações, escolas, grupos e coletivos da comunidade, participantes e apoiadores orgânicos das atividades engajadas pelo programa de extensão que colaboraram na construção deste guia; bem como à comunidade acadêmica da UFOP, IFMG *Campus* Ouro Preto, UFV pelas costuras entre ações extensionistas e pesquisas, de modo especial àqueles que ousaram territorializar conhecimentos e saberes por Antônio Pereira.

O programa de extensão e pesquisa, assim como o projeto de pesquisa receberam financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, Brasil, processo nº APQ-03101-22.

Referências

- ASSIS, A. Os sentidos da roda: práticas grupais na investigação qualitativa em saúde. **New Trends in Qualitative Research**, v. 18, p. e842-e844, 2023. Disponível em: https://ufop.br/sites/default/files/os_sentidos_da_roda_-_artigo_final.pdf. Acesso em 21 de set de 2025.
- ASSIS, A.; QUINTINO, S. H. “O paraíso atingido: desterro e restauro das comunidades atingidas pelas barragens e mineração”, In ASSIS, A.; CORRADO, A. R. (orgs.). **Territórios saudáveis e sustentáveis: saúde e educação nas escolas e comunidades**. Santo André, SP: V&V Editora, 2025.
- ASSIS, A. D. de; QUINTINO, S. H.; NEVES CÔRREA, M. M. Saberes negados e a construção de práticas inovadoras em escolas atingidas por desastres sociotecnológicos em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. **Autoctônia**, v. 9, n. especial, p. 1993-2014, 2025. Disponível em <http://autoctonia.cl/index.php/autoc/article/view/662>. Acesso em 01 de nov 2025.
- ASSIS, A. D. de et al. “De mãos dadas com Antônio Pereira”: Acolhimento e empoderamento dos moradores e moradoras para alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais. **Além dos Muros da Universidade**, v. 9, n. 2, p. 137-156, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7243>. Acesso em 21 de set de 2025.
- BESERRA, R. K. P., CAMARGO, P. L. T. de. O Impacto da mineração no cotidiano das comunidades atingidas: o caso do distrito de Antônio Pereira em Ouro Preto – MG. **Espaço em Revista**, v. 24, n. 2, p. 109-125, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco/article/view/71149>. Acesso em 01 de nov 2025.
- CARVALHO, L. G. de, J.; QUINTINO, S. H.; ASSIS, A. D. de. Estudo da situação e necessidades de saúde da comunidade de Antônio Pereira, Ouro Preto - MG: Segunda fase. **Além dos Muros da Universidade**, v. 10, n. 2, p. 95-115, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7808>. Acesso em 21 de set de 2025.
- CORRADO, A. R.; MORAIS, J. E. T.; MOURA, J. P. M. de; LOPES, B. C.; ASSIS, A. D. de. Estudo da situação e necessidades de saúde da comunidade de Antônio Pereira, Ouro Preto-MG: Primeira fase. **Além dos Muros da Universidade**, v. 9, n. 2, p. 94-111, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7213>. Acesso em 21 de set de 2025.
- FERREIRA, E. A. M.; TEIXEIRA DA SILVA, R. H. Turismo, patrimônio e natureza no espaço rural: o caso do distrito de lavras novas - Ouro Preto (MG). In **XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. SINPURB, 2022. Disponível em: https://sisgeenco.com.br/anais/simpurb/2022/arquivos/GT17_COM_1226_1251_20221208141731.pdf. Acesso em 26 de out de 2025.

HOOKS, b. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MINAS GERAIS. **Lei nº 24.765, de 28 de maio de 2024**. Reconhece como de relevante interesse cultural do Estado a Comunidade Tradicional de Garimpeiros de Antônio Pereira, distrito do Município de Ouro Preto. Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 maio de 2024.

PAVEAU, Marie-Anne; GOLDSTEIN, Norma Seltzer. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 9, p. 311-331, 2007. Disponível em <https://revistas.usp.br/flp/article/view/59786/62895>. Acesso em 01 de nov 2025.

RAMOS, A. C. A. de S.; GOMES, C. F. S.; REIS, M.; ASSIS, A. D. de. Acalento: Grupo de acolhimento de Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais. **Além dos Muros da Universidade**, v. 9, n. 2, p. 169-183, 2024. Disponível em <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/7186>. Acesso em 01 de nov 2025.

RIBEIRO, N. B. **Os povos Indígenas e os Sertões das Minas do ouro no século XVIII**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

SVAMPA, M. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

VASCONCELOS, D. L. de A. P. de. **História antiga das Minas Gerais**. 4. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1999.